

Mais*

Daniel Aloisio*, Marcela Villar* e Carolina Cerqueira*

REPORTAGEM

redacao@correio24horas.com.br

Faltou o som dos atabaques e a multidão de branco e azul que, em edições anteriores, de tão compacta, mal permitia ver a areia da praia. Mas sobrou devoção, mesmo que, na opinião de pescadores e devotos, a Festa de Iemanjá, ontem, no Rio Vermelho, tenha sido 'irreconhecível'.

O motivo da estranheza pela celebração modesta de 2021 foram os protocolos contra a covid-19, que impediram a realização da cerimônia em seu modelo tradicional. Nos anos pré-pandemia, Iemanjá, a orixá que no Candomblé é a dona das águas e do ori (a cabeça) já chegou a reunir um milhão de pessoas em sua homenagem.

Dessa vez, para evitar aglomerações, a prefeitura de Salvador interditou, desde anteontem, os acessos à praia do Rio Vermelho, do Buracão até o restaurante Sukiyaki. Os tapumes ficarão no local até meia-noite de hoje. Além disso, foi feita campanha pela administração municipal, pelos pescadores e pais e mães de santo para que as pessoas não fossem ao Rio Vermelho homenagear a Rainha do Mar, mas depositassem suas oferendas em outras praias do vasto litoral da cidade. Muita gente obedeceu, mas, nem todo mundo.

Para desestimular os 'quebra protocolo' a se aglomerarem diante da Casa de Iemanjá, na Colônia de Pesca do Rio Vermelho, a venda de bebida alcoólica e a abertura de bares e restaurantes do bairro foi proibida até às 19h de ontem. O presente de Iemanjá também foi antecipado e, em vez de sair às 16h, foi levado para o mar às 8h39, assim que chegou à praia. O barco que carregou o presente também levava hasteada bandeira preta com os dizeres "224.504 vidas", em referência aos mortos pela covid-19 no Brasil.

Na hora do presente descer para o mar, o céu estava carregado de nuvens pesadas, mas só ocorreram trovões e pancadas de chuva após o fim do ritual. A entrega do presente é a parte mais simbólica da festa, que no ano passado foi reconhecida como Patrimônio Cultural de Salvador.

SIMPLES, MAS ESPECIAL

A pandemia fez com que a entrega do presente fosse simples, mas não menos especial. O mimo dos pescadores para a sua orixá protetora saiu do terreiro Ikê Axé Awa Negy, no Engenho Velho da Federação. O balaio foi preparado pelo babalorixá Pai Ducho de



Flores, devoção, tradição e protocolo

Festa de Iemanjá aconteceu com presente antecipado e Rio Vermelho interditado

Ogum. "Foi a primeira vez oficialmente que estive à frente. Foi muito bem preparado, com amor, satisfação e carinho", disse.

O presente chegou à praia em um carro aberto. Quando estava perto do acesso à praia, uma pequena aglomeração se formou ao redor do balaio. As pessoas não resistiram à tentação e chegaram perto para saudar Iemanjá. Alguns também não usavam a máscara corretamente. Muitos gritavam: "Odojá, minha mãe!", a saudação à orixá.

RELAÇÃO COM O MAR

A relação do baiano e da cidade de Salvador com o mar e com a festa de Iemanjá foi o tema de uma live do CORREIO, na manhã de ontem, com o historiador Rafael Dantas, pesquisador da iconografia de Salvador nos séculos XIX e XX. Rafael falou sobre como o culto a Iemanjá foi inserido no contexto de formação da cidade e como os africanos conseguiram trazer a tradição para cá.

"É do mar, é do Atlântico que a cidade de Salvador nasceu. E isso é muito simbólico. Salvador é uma cidade atlântica...Esse link entre homem e mar sempre esteve presente na ótica da cidade", afirmou.

O historiador falou ainda sobre como uma festa de agradecimento dos pescadores - inicialmente em diversos pontos da cidade, como a Ribeira e Itapuã - se tornou um símbolo de baianidade capaz de atrair milhares de turistas todos os anos, e também sobre como, com o passar do tempo, a imagem de Iemanjá passou a ser a de uma mulher branca, diferente da figura original cultuada na África, que é negra.

"Iemanjá não tem uma forma, é uma entidade, força da natureza. É provável que essa representação da Iemanjá branca faça um link com a linha da Umbanda, principalmente da região sudeste, ou mesmo com a ideia sincrética ligada à Nossa Senhora".

COM A ORIENTAÇÃO DA SUBCHEFE DE REPORTAGEM MONIQUE LÓBO.



1 Presente dos pescadores foi levado para o mar antes das 9h 2 Devotos colocaram a máscara e foram deixar suas rosas para a Mãe das Águas mesmo com interdição do Rio Vermelho 3 Quem foi ao bairro não conseguiu descer para a areia por conta da praia fechada 4 Escuna ancorada no pier do Comércio fez aglomeração e festa com banda ao vivo

Vacinação de idosos a partir de 90 começa no mesmo dia em que saiu estudo da Sputnik V

PÁG. 16

Cocaina PF faz operação contra tráfico de drogas em aviões da Força Aérea Brasileira

PÁG. 19

Sei que Iemanjá vai aceitar. Não é grande, mas o que está indo dentro para ela é amor Pai Ducho de Ogum

Babalorixá à frente do presente desse ano

Estava preocupado com esse dia, mas as pessoas respeitaram. Sempre tem alguns curiosos, mas eles não entraram na praia. A hora da entrega do presente é o momento crítico, pois as pessoas fazem a sua cerimônia e a gente também tem que respeitar Isaac Edington

Presidente da Saltur, sobre as interdições

Ver o Rio Vermelho dessa forma é frustrante, porém é importante manter a tradição respeitando a vida, sem gerar aglomeração Leonel Monteiro

Presidente da AFA - Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Americana

Iemanjá e Oxum já me deram tudo que eu queria, graças a Deus. Só vim agradecer mesmo. Todo ano eu venho, só não quando estou doente Isaías Conceição da Silva

Aposentado de 61 anos entrega flores à Iemanjá desde os 18. Ele foi ao Rio Vermelho bem cedo, pagar uma promessa

É triste ver a casa dela fechada, mas é essencial, por um bem coletivo e um bem maior Andreia Vasconcelos

Advogada

Bares lotados e festas com feijoadas só em 2022

Pouco antes das 19h, algumas pessoas já aguardavam a abertura dos bares e restaurantes do Rio Vermelho. Mas o movimento foi fraco e a chuva forte atrapalhou os planos de quem optou por abrir. Isso porque muitos preferiram não abrir, com medo do público restrito. Na Vila Caramuru, no Largo da Mariquita, unidades fechadas, mesas vazias e só um barzinho movimentado.

Para o garçom Jefferson Pereira, 25 anos, mesmo com as restrições e o movimento abaixo do esperado, é preciso agradecer. “Nos outros anos isso aqui ficava muito mais movimentado. A gente funcionava desde às 8h, aí tinha feijoada, mocotó, rabada. Era muita gente, não tinha nem espaço direito. Mas graças a Deus a gente abriu hoje e teve gente. Vamos agradecer porque estamos trabalhando”, disse.

As amigas Diana e Lena chegaram por volta das 17h, fizeram seus rituais e fica-



TIAGO CALDAS

ram para aproveitar a noite no bairro boêmio. “A gente não chegou a pisar na areia porque estava fechada, mas fizemos nosso ritual. Por conta da pandemia a gente não pode fazer a oferenda do jeito que sempre fazemos, mas ficamos de longe fazendo nossas orações”, contou a personal stylist Lena Nascimento, 34 anos.

No Largo da Dinha, o cenário era irreconhecível para um dia de festa. Poucas mesas e cadeiras, poucas pessoas. Nada de fila para comprar acarajé ou pessoas em pé disputando espaço ao la-

do do monumento em homenagem à Zélia Gattai e Jorge Amado. Não se via também food trucks espalhados pelo bairro nem movimentação de ambulantes.

Para Seu Edivaldo, vendedor de picolé, 52 anos, o dia não foi proveitoso. Dos 300 picolés que normalmente vende na Festa de Iemanjá, este ano vendeu apenas 100. “Mesmo com a pandemia, que não permitiu festa de verdade, deu para fazer um dinheirinho. Pedir a Deus que isso termine logo”, disse o vendedor.

CAROLINA CERQUEIRA*

Chuva atrapalhou a abertura dos bares e restaurantes do Rio Vermelho, autorizados a abrir às 19h

Devotos vão ao Rio Vermelho mesmo com barreiras

Para muita gente, Iemanjá só atende se for chamada da beira da Praia do Rio Vermelho. E, mesmo com as medidas de restrição e o pedido para que as pessoas ficassem em casa ou buscassem outras praias, teve gente que ocupou as ruas do bairro.

O acesso à faixa de areia estava interdita, mas não impediu que gente de diversas religiões ficassem na orla para rezar.

Luana Pinheiro, 29 anos, participa todo ano da festa, mas foi a primeira vez que ela acompanhou o pessoal do seu terreiro, o Iké Axé Awa Negy, que elaborou o presente dos pescadores para a orixá.

“Para mim é muito emocionante. O axé é familiar, mas a pandemia deixa tudo mais complexo. A gente está acostumado com esse Rio Vermelho em festa, mas o importante é não deixar de ter a oferenda”, disse.

Já o espírito Gustavo Melo saiu de Piatã para celebrar o Dia de Iemanjá no bairro tradicional. “Eu já participo da festa há 15 anos e não poderia deixar de vir hoje, mesmo em momento de pandemia. Eu estou com máscara, tomo os cuidados e me sinto seguro”, afirmou. “Esse lugar é simbólico, é o lugar que a gente tem o costume de saudá-la”.

Mesmo católica, Tereza Sonia, 58, revelou que no passado era atraída pela sua parte profana do 2 de Fevereiro. “Mas um dia resolvi vir de manhã cedo e me encantei com tudo isso. Nunca mais perdi”, acrescentou.

DANIEL ALOÍSIO*

Restaurante descumpre regra e é interditado

Um restaurante foi interditado na manhã de ontem, em Ondina, por organizar um evento que começaria às 14h em celebração ao Dia de Iemanjá. A festa não tinha alvará de funcionamento e de autorização sonora da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (Sedur), descumprindo decreto que proíbe apresentações artísticas. A feijoada teria quatro bandas e foi anunciada nas redes sociais com entrada a R\$ 30.

O CORREIO também flagrou, por volta das 11h de ontem, uma festa acontecendo na escuna ‘Só Deus’, ancorada no pier do Comércio, ao lado do 2º Distrito Naval. No local, pessoas sem máscara ou usando-a incorretamente dançavam ao som de uma banda que fazia show ao vivo. Cerca de 50 pessoas estavam no evento na escuna.

Além da interdição em Ondina, a Sedur afirmou que o levantamento parcial da fiscalização ontem no Rio Vermelho resultou em 28 estabelecimentos abertos irregularmente. Ainda assim para Átila Brandão, diretor de fiscalização da secretaria, o resultado até o começo da tarde foi melhor que o esperado.

Na orla da cidade, ontem foi permitido que barqueiros levassem pessoas para depositar presentes em alto mar, mas as embarcações tinham de seguir os protocolos. Segundo Leopoldo Amaral, da Uboat, empresa que aluga e vende embarcações, o movimento foi fraco por conta das restrições.

DANIEL ALOÍSIO*

SEDUR

28

estabelecimentos foram obrigados a fechar no Rio Vermelho por descumprir horário de funcionamento

85

locais foram vistoriados pela Sedur na cidade